

Depois de receber novos órgãos, pacientes relatam que tudo se transformou para melhor. No entanto, o país ainda enfrenta o desafio da conscientização da população sobre a importância desse ato

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Daniel Pereira Barbosa (esquerda), 37 anos, conta que foi uma alegria poder ajudar o irmão, Darlan, 35, com a doação de um rim

NOVA VIDA APÓS O TRANSPLANTE

Arquivo Pessoal



Adriana dos Santos Evangelista, 48, comemora a retomada da independência com o novo coração

» CARLOS SILVA*
» EDIS HENRIQUE PERES

Uma única pessoa que decide doar seus órgãos pode mudar a existência de até oito pacientes na fila de espera por transplante. No entanto, mesmo que o simples gesto possa transformar completamente a qualidade de vida de quem aguarda pelo procedimento, a adesão da população é baixa. Em 2021, de 199 pacientes que morreram e atendiam aos critérios para serem doadores, apenas em 24 dos casos as famílias autorizaram o transplante. O mesmo se repete este ano: até o momento, de 142 pessoas que poderiam ser doadoras, somente os parentes de 20 deram prosseguimento ao processo. Os dados foram revelados pelo enfermeiro da Central de Transplantes do DF, Anderson Galante.

No Dia Nacional de Doação de Órgãos, comemorado ontem, o Ministério da Saúde decidiu lançar uma campanha nacional com o tema “amor para superar, amor para recomeçar”. Anderson explica que o Setembro Verde é destinado ao incentivo e a conscientização da doação. “O que tem sido feito no DF é que quando há a doação, a central de transplantes dispõe do acompanhamento desse familiar para um suporte psicológico, uma forma de gratidão”, destaca.

Os irmãos, Darlan Pereira Barbosa, de 35 anos, e Daniel Pereira Barbosa, 37, entendem bem a diferença que o transplante faz. Em 2016, Darlan descobriu que algo estava errado com seu sistema renal. “Antes eu fazia check-up, mas nenhum exame era específico para o rim. Quando descobri (a disfunção), logo depois precisei começar a diálise. Eu tinha que ir ao centro de diálise de segunda a sábado e ficar duas horas em atendimento”, detalha.

No mesmo ano, Daniel se ofereceu para doar o rim ao irmão, mas tinha medo das consequências. “Depois que começamos a fazer os exames de compatibilidade, o médico explicou que se houvesse qualquer mínima possibilidade, apontada nos exames, do doador desenvolver problemas renais no futuro, o transplante não seria feito. Foi isso que me deu segurança de continuar”, afirma. Para Daniel, poder ajudar o irmão foi uma alegria. “No meu caso, a vida não muda em nada. Depois que um dos rins é doado, o outro expande de tamanho e assume o papel do que foi retirado”.

RAIO-X

Transplantes no DF

Janeiro a junho de 2022

Rins
Transplantes — 45
Fila de espera — 600

Córnea
Transplantes — 174
Fila de espera — 374

Fígado
Transplantes — 49
Fila de espera — 14

Coração
Transplantes — 12
Fila de espera — 28

Fonte: painel do transplante do DF com dados coletados no fim de agosto

Conscientização

No caso de Darlan e Daniel, a doação foi feita em vida, comum em casos de rim e fígado. Médico nefrologista da Clínica de Doenças Renais de Brasília e especialista em transplantes, Geraldo Freitas explica que alguns critérios precisam ser atendidos para o órgão poder ser transplantado nas situações de óbito. “É necessário diagnóstico de morte encefálica. Nesses casos, há parada completa das funções neurológicas desde o tronco, tratando-se de situação irreversível.”

Geraldo aponta, ainda, que o principal desafio em atender as filas é a autorização familiar. “Segundo dados da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO) o número de recusas de familiares para a efetivação de doações encontra-se em torno de 50% na maioria dos estados. Portanto, a maior barreira para aumentar a doação de órgãos é a conscientização da população da importância deste ato”, ressalta.

O Instituto de Cardiologia e Transplantes do DF (ICT-DF) é uma das unidades de destaque no Centro-Oeste. De 2007 até hoje, realizou 2.030 operações. Carolina Couto, responsável pelo programa de transplantes, informa que, no primeiro trimestre deste ano, foram realizados 96 procedimentos no instituto, que faz transplantes de fígado, rins, córneas e medula óssea”, conta. Em 2009, o ICTDF iniciou os de coração. “De lá para cá somos um dos cinco hospitais do país a chegar ao marco de 300 transplantes cardíacos realizados — atualmente, são 327. Além disso, temos uma taxa de sobrevivência bastante satisfatória, que nos últimos cinco anos tem ficado em torno de 70%”, salienta.

Adriana dos Santos Evangelista, 48, foi diagnosticada com miocardiopatia dilatada, mesma doença que levou a mãe à morte em 2012. “Eu desmaiei no velório da minha mãe e fui levada ao médico. Lá, a doutora pediu alguns exames e identificou a miocardiopatia. Depois, eu tive um infarto, coloquei um marco-passo, mas, ainda assim, precisava de um novo coração”, recorda.

A cirurgia de Adriana foi feita em julho de 2022 e ela comemora a independência reconquistada. “Agora, posso tomar banho sozinha, não tive mais dores, posso andar sem cansar. Para quem tem dúvida, eu só tenho a dizer que a doação é uma benção na vida de quem recebe”, finaliza.

*Estagiário sob a supervisão de Malcia Afonso

Informe Publicitário

Brasília
Ano IV - nº 583

3003-2433
(o custo é de uma ligação local em qualquer região do País, mesmo que solicite o DDD)

www.ciee.org.br

CIEE é finalista do Prêmio Reclame Aqui 2022

O CIEE é finalista do Prêmio Reclame Aqui, selo que, por meio de voto popular, reconhece há 12 anos as empresas que prestam os melhores atendimentos aos clientes em diferentes setores. A entidade concorre na categoria Educação – Serviços, na qual já foi campeã duas vezes. Esse resultado confirma como o foco no atendimento e experiência do público têm sido um dos destaques da instituição nos últimos anos. A etapa de votação popular já começou e vai até dia 18 de novembro. Já a premiação, será no dia 12 de dezembro.



Saiba mais sobre o prêmio através do QR Code abaixo:



Traga a sua vaga de Estágio ou Aprendizagem para o CIEE

www.ciee.org.br | 3003-2433